

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luiz Diego Grossi Pinheiro da Silva

**A FILOSOFIA LIBERAL DE CONSTANT DE REBECQUE E A CONSERVADORA DE
EDMUND BURKE – A INFLUÊNCIA PARA O CONSERVADORISMO KIRKIANO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LUIZ DIEGO GROSSI PINHEIRO DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473165A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A FILOSOFIA LIBERAL DE CONSTANT DE REBECQUE E A CONSERVADORA DE EDMUND BURKE – A INFLUÊNCIA PARA O CONSERVADORISMO KIRKIANO**, desenvolvido durante o período de 05/08/2016 a 23/01/2017 sob a orientação de HUMBERTO SCHUBERT COELHO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LUIZ DIEGO GROSSI PINHEIRO DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A FILOSOFIA LIBERAL DE CONSTANT DE REBECQUE E A CONSERVADORA DE EDMUND BURKE – A INFLUÊNCIA PARA O CONSERVADORISMO KIRKIANO

Luiz Diego Grossi Pinheiro da Silva¹

RESUMO

O trabalho em questão apresenta a leitura de um momento de grande significado ocorrido na França: a Revolução Francesa. Seu estudo é extremamente necessário para o entendimento e introdução da Filosofia Liberal de Benjamin Constant de Rebecque; e como Edmund Burke se utiliza desse momento da história, para estruturar, pensar e desenvolver o seu Conservadorismo clássico, que surgiu na Inglaterra em pleno século XVIII. A revolução na França produziu um grande impacto nos ideais presentes no velho continente europeu, o que proporcionou uma mudança radical de pensamentos e paradigmas até então ali presentes. Benjamin Constant e Edmund Burke, foram dois filósofos importantes, que influenciaram de forma viva e eficaz o pensamento de Russell Kirk, o pai do Conservadorismo americano, que em Burke buscou referência e inspiração para mudar e transformar a segunda metade do século XX dos Estados Unidos em uma sociedade pronta para a busca e o resgate de suas origens socioculturais e bater de frente ao relativismo moral.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Francesa. Liberal-Conservative. Conservadorismo americano. Russell Kirk.

1. INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento, para elucidar o estudo da Filosofia Liberal e Conservadora no século XVIII por meio de Benjamin Constant de Rebecque e Edmund Burke respectivamente e o Conservadorismo Kirkiano do século XX nos Estados Unidos; será necessário a leitura de um período importante da história moderna, que mudaria todo o mundo de sua época e, nos séculos seguintes a base e o início estrutural da contemporaneidade: a Revolução Francesa (1789-1799). O marco da revolução resultou a sociedade como ela é hoje, aspectos totalmente plurais e complexos. Variadas formas de doutrinas e governos políticos surgiram, porém, os pensadores estudados e abordados neste artigo, utilizam de duras críticas sobre a mudança radical ocasionadas pela revolução. O estudo dos ideais conservadores ou liberais, é de grande importância, apesar da academia sempre ficar na tendência do estudo do progressismo social e a sua prática diária, o outro lado, o liberal e conservador merecem igual importância, sem pré-conceitos (no sentido literal da palavra), e abandonos por parte dos estudantes e intelectuais do século XXI.

2. UMA LEITURA CONTEXTUAL DA REVOLUÇÃO FRANCESA

O cenário político e social da França pré-revolucionária era o Antigo Regime, composto por três estados – o Primeiro Estado (clero); o Segundo Estado (nobreza) e o Terceiro Estado (camponeses, comerciantes e trabalhadores dos centros urbanos). Neste regime, o rei Luís XVI era o líder máximo (detinha todo o poder através do absolutismo divino, ou seja, a crença da representação máxima, escolhido por Deus para governar); o clero junto com a nobreza possuía benefícios e usufrutos de – poder, posse de terras, bem como o não pagamento de impostos; ostentando os seus luxos diante de um terceiro estado pobre e miserável, que trabalhava para sustentar estes.

Durante o século XVIII, especificamente a partir da segunda metade, a França estava envolvida em conflitos com a Inglaterra (guerra dos sete anos), bem como o apoio militar aos Estados Unidos durante a guerra da independência daquela nação (a França era inimiga da Inglaterra, por isso a ajuda); somando com os problemas internos de uma má administração econômica, devido o modo de vida da aristocracia francesa; crises de abastecimento alimentar interno, pendência em dívidas com outras nações, uma economia industrial pífia e um comércio interno extremamente fraco; sendo assim a França mais cedo ou mais tarde chegaria ao colapso.

O ponto de partida da revolução francesa se deu pelos protestos da população oprimida do terceiro estado, influenciados pelos pensadores iluministas que os incentivaram a lutar por melhorias de vida (liberdade,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: luiz.diego.grossi@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Schubert Coelho.

igualdade e fraternidade – lema de revolução), bem como ao fim da opressão até então estabelecida pelo sistema político do antigo regime de monarquia, as regalias do primeiro e segundo estado e a crise econômica interna que atingia diretamente ao terceiro estado. A população começa a luta pelos seus direitos, requerendo uma maior participação na política interna e uma solução para a crise por eles enfrentada. Dado as manifestações, Luís XVI convoca os Estados Gerais, para então proceder uma solução à política interna. Na assembleia, havia a representação dos três estados, e tendo o início em maio de 1789, seria estipulada uma votação para a solução da crise. O clero e a nobreza se uniram para possuírem 2 votos a 1 (os votos eram contados por estado), no entanto os representantes dos trabalhadores sabendo da tendenciosidade da situação queriam que as apurações dos votos fossem individuais, ou seja, pelo resultado da escolha da maioria, tornando o resultado justo.

Luís XVI, com o apoio do clero e da nobreza, decretou o voto pela representatividade de cada estado. O terceiro estado inconformado, então sugere uma Assembleia Nacional Constituinte para a criação de uma nova constituição, situação ignorada pelo rei, clero e a nobreza. O terceiro estado então se autodeclara em assembleia em junho de 1789, para a criação da constituição sem um aval dos outros estados, o que se torna o estopim para rebeliões da população em Paris, e no campo. É o começo da Revolução Francesa.

A queda da Bastilha no dia 14 de julho de 1789 foi um dos mais relevantes marcos da revolução, pois a mesma era o sinônimo de repressão do Antigo Regime. Em agosto a Assembleia Nacional decreta o fim das regalias do clero e da nobreza, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – documento de decreto de direitos de cidadania aos franceses, uma maneira de declarar o fim da sujeição ao rei, bem como à: propriedade, liberdade de expressão e imprensa, além do direito de resistência sobre alguma opressão. Durante a assembleia fora emitido um documento de confisco de bens da igreja relacionado ao clero; os mesmos junto com muitos nobres fogem da França com seus bens, para então montar um exército e impedir que a Revolução continuasse.

Uma nova Constituição francesa fora sancionada em 1791, decretando os fins de regalias da nobreza e do clero, estabelecendo limite ao poder real – têm-se o início da *Monarquia Constitucional* (1791-1792) e o fim da Monarquia Absolutista. O Rei não possui agora o poder legal de sancionar leis e aprová-las, isso ficava ao cabo da Assembleia Nacional. A constituição de 1791 proporcionava: igualdade de todos os cidadãos, a instituição do voto censitário (só votava determinadas pessoas, aquelas que possuíam alto poder aquisitivo; ficando de fora as mulheres e a camada pobre da população), a apreensão de terras da igreja e o fim da cobrança de imposto pela mesma, entre outros aspectos. Este caráter da nova constituição, atendia somente aos pontos de interesse da denominada alta burguesia que neste ponto estava à frente da revolução.

Na Assembleia Constituinte francesa, os representantes da alta burguesia se sentavam ao lado direito do plenário (eram reconhecidos como Girondinos), e os representantes das camadas populares (os Jacobinos) permaneciam ao lado esquerdo. Os Jacobinos exerciam uma *conduta radical*, buscavam que a revolução se estendesse às camadas mais populares e pobres da população, e não aos princípios e quereres dos girondinos; esta que se aliava a monarquia e aos nobres. Os Jacobinos queriam acabar de vez com a Monarquia Constitucional, não cedendo aos quereres destes; e assim estabelecer uma “revolução a todos”, uma nação totalmente revolucionária.

Tendo o aspecto político-social que se situava na França, Luís XVI se alia à Áustria e Prússia, para impedir o avanço da revolução, sem sucesso. Mesmo com a declaração de guerra de Luís XVI e seus aliados, a população se arma, e o rei é capturado, e posteriormente morto na guilhotina como traidor da nação. É o fim da Monarquia Constitucional, e do Absolutismo francês. Ocorre também o fim da Assembleia Constituinte e o início da Convenção Nacional (uma nova câmara de deputados – parlamento). A Convenção Nacional estipula o encerramento da Monarquia e o começo da República, é marcada pelo radicalismo jacobino, período conhecido como *terror*, através do seu líder Robespierre – perseguindo a todos que eram contra a revolução, incluindo pessoas do próprio partido acusadas de conspiração ao regime. Nessa situação de fragilidade, os Girondinos tomam o poder e estipula o período denominado de Diretório (1795), governo centrado à burguesia, ao comércio e às indústrias, além da formulação de uma nova Constituição. A crise interna se agrava, além de vários envoltimentos de deputados girondinos em entraves de escândalos políticos, além de uma precaução do retorno dos jacobinos ao poder.

Os Girondinos então queriam alguém para comandar a nação e controlar a crise interna. Napoleão Bonaparte general do exército francês, de boa fama e excelente estrategista militar, aproveita da situação caótica francesa e a fragilidade do Diretório Girondino, toma o poder por meio de um golpe em novembro de 1799 – conhecido como “18 de Brumário”, de início *ditador* da França, e logo após esse episódio – imperador; dando o princípio da era Napoleônica e finalizando o processo da Revolução Francesa.

3. A FILOSOFIA LIBERAL DE BENJAMIN CONSTANT DE REBECQUE

Henri-Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830), pensador de origem Suíça, oriundo de família protestante, foi criado e educado através de tutores, cresceu e se dedicou aos estudos, onde já mostrava uma inteligência acima da média, bem como uma engenhosa personalidade, o fazendo destacar dos demais a sua volta. Na juventude fora para a Universidade de Oxford, trasladou para a Alemanha e depois para Edimburgo na Escócia, sendo seguidor de Adam Smith. Se muda a Paris em 1787 e logo se torna parte da vida intelectual e cultural da cidade nos bares da mesma. Nos anos 1790 conhece Madame de Staël, se tornando amantes, e ela se torna uma pessoa de demasiada importância a Constant, ao seu pensamento político-filosófico, como afirma (RODRÍGUEZ, 2008):

Constant, junto com Madame de Staël, foi o precursor dos *liberais doutrinários* na França. A sua meditação trilhou o caminho de moderação e de construção das instituições do governo representativo, que caracterizaria aos demais liberais franceses ao longo do século XIX. Mas o ponto central da reflexão e da pregação política do nosso autor foi a sua decisiva defesa da liberdade, num meio, como o da França pós-revolucionária, que custava a fazer uma opção por esse ideal.²

Benjamin Constant começa a fazer parte do clube de Madame de Staël: o “Hotel de Salm”, que juntos com outros intelectuais e políticos idealizavam pensamentos favoráveis à monarquia constitucional na França, sistema esse que era notório na Inglaterra. Constant ingressa na vida política da câmara francesa com a ajuda intelectual de Staël; e sendo Napoleão Bonaparte imperador, Constant começa a sofrer repressões pelo seu pensamento monarquista, sendo então desligado da câmara no ano de 1802 (exercera a posição de tribuno). O Clube de Staël se transforma em um centro de oposição à política Bonapartista, juntando demasiados pensadores e políticos da época para reuniões intelectuais pró-monarquia. Os encontros duraram até o momento em que Napoleão ordena o fechamento do clube, dispersando todos os integrantes do mesmo.

A trajetória intelectual de Constant se mostra de importante aspecto, após o fechamento do Clube de Staël; pois ele começa a expressar as duras críticas ao sistema militar governista de Napoleão. Constant escreve muitos livros combatendo a política francesa, e a maneira como Napoleão conduzia a nação com a sua política de repressão. Em sua expatriação na Alemanha, Constant se separa de Staël, e se estabelece em Weimar, casando logo após com Charlotte, uma integrante da família real de Hardenberg, e em 1814 ele volta para a França, momento que escreve os livros de oposição à Bonaparte, condenando o regime que usurpava o direito de escolha da população civil e *intervindo* na vida pessoal da mesma e de outras nações com sua conquista militar, determinando a bel prazer o caminho que era “melhor” aos olhos do regime. Napoleão expandiu seu império por toda a Europa, e Constant aproveita desse momento para elucidar e esclarecer seus pensamentos liberais e monárquicos ao povo francês, ganhando prestígio e notoriedade pela sua argumentação e eloquência.

Napoleão Bonaparte era considerado um governante ilegítimo por Constant, porém devido a sua fama e influência na Capital, o general francês o chama para lhe servir de conselheiro político, quando o mesmo retorna a Paris (governo dos Cem Dias), na busca de ajuda ao Partido Liberal do qual Constant era filiado. O Partido Liberal era de origem burguesa, e Constant defendia os seus ideais chegando a publicar uma carta constitucional de manifesto de interesses liberais a pedido dessa classe; Constant também nesse período se utiliza da imprensa (jornal) para escrever colunas em apoio a monarquia constitucional, especificamente à nobre família dos Bourbons.

A França chega naquele instante a um cenário interessante. Napoleão vinha decaindo, e logo seria deposto para o povir da instauração do período denominado *Restauração*; pede ajuda a Constant como conselheiro da nação mesmo sendo consagrado como o seu inimigo político. Napoleão sabia da força e influência política de Constant em Paris, e utilizou-se disso para permanecer no poder. Constant era um intelectual nato, e (RODRÍGUEZ, 2008) nos lembra de seus principais livros:

Em que pese as agitadas circunstâncias em que foi escrito, o livro *Principes de Politique* foi considerado pela crítica posterior, junto com *De l'esprit de conquête et de l'usurpation*,

² (RODRÍGUEZ, 2008)

como uma das obras principais de Constant.³ [...] “Os *Princípios de Política*, publicados em 1815, (...) têm um duplo mérito: de um lado, é a exposição mais completa das idéias do autor; de outro, é a prova mais clara da continuidade dessas ideias. O conselheiro de Estado imperial fala da liberdade como o escritor independente de 1814 e de 1820. Uma coleção dos panfletos de Benjamin Constant em que faltem esses dois ensaios, não possui verdadeiramente nenhum valor”⁴

A Imprensa se torna aliada de Constant. Fora a maneira que encontrou para levar seus posicionamentos ao maior número de pessoas possíveis, iluminando-os e tornando conhecidos da escuridão político-social que os cercava, ponto do qual se beneficia; e, em seus escritos induz de sua magnífica importância no contexto da *liberdade* de expressão. Utilizava-se de jornais para proclamar seus pensamentos e influenciar os seus leitores, e também de igual forma, mais uma vez no parlamento da nação, tornando-se um excelente político com discursos de grande impacto; como resultado ganhou inimigos e muitos desafetos do espectro político de partidos da esquerda. Em julho de 1830 ocorre a Revolução Liberal, e o monarca Luís Felipe assumiria o poder. Constant já se encontrava enfermo devido à idade, e também em relação ao descuido de sua própria saúde, vindo a falecer em dezembro daquele ano, pouco se aproveitando do novo sistema político monárquico francês, por qual tanto divulgou e lutou em seus livros e discursos, para serem estabelecidos e praticados.

A circulação de suas publicações levava a voz de Constant pela França e demais países ao redor. Ficou claro então como que o pensador Suíço pensava em relação ao *Liberalismo*. O “*doutrinário*” como o chama (RODRÍGUEZ, 2008), teria de exercer seus pensamentos ao público, e não dentro de uma sala. Se ele quisesse realmente transformar as circunstâncias em sua volta, tinha que colocar a mão na massa para que então ocorresse tal mudança. O Liberalismo de Constant consistia nos direitos individuais em primeiro lugar, e a não interferência do Estado sobre a vida privada – menos poder para o estado, e uma maior liberdade individual. A nação não ficaria dada ao caos, pois possuiria a Monarquia Constitucional como forma de governo – o poder denominado moderador, onde o monarca exerceria o seu poder como soberano, mas não “participando” da vida política parlamentar; ou seja, continuaria como o representante máximo da nação, podendo interferir na câmara assim que a mesma ficasse desestabilizada politicamente, para que não ocorresse algum caos, ou levante populacional devido à uma possível crise institucional. O monarca teria o poder de destituir o parlamento e constituir um novo.

A Monarquia Constitucional defendida por Constant, não era uma doutrina absolutista (a figura do monarca soberano detentor de todo o poder, irrefutável), não. Mas uma maneira equilibrada de um sistema político usufruído de uma Constituição, leis e códigos civis, que precisaria de uma figura superior, supervisionando as camadas “mais inferiores” de poder, e assim mantendo em ordem a política e a estrutura social interna. O liberalismo defendido por Benjamin Constant se dava exatamente nesse quesito, mesmo com a figura de um rei para representar o Estado; o monarca não interferiria na vida particular de seus cidadãos, e a mesma usufruiria da liberdade de expressão (quesito de importantíssima relevância a Constant) pelo qual a população garantiria a sua real liberdade, força e poder *moral* contra o estatismo. A liberdade pregada por ele era justamente contrário ao modo de poder que ele presenciou e observou em Napoleão Bonaparte (o poder centrado nas mãos de uma única pessoa de forma absoluta, que intervia de forma arbitrária na vida populacional e em outras nações).

O Liberalismo para Benjamin Constant de acordo com (RODRÍGUEZ, 2008) era nesse aspecto: “O nosso autor sempre fez profissão de fé liberal. Para ele, a defesa da liberdade constituía um princípio inegociável.” Na conjuntura política desse sistema, o cidadão já nascia com todos os direitos possíveis para exercer-los na sociedade assim que pudesse, e jamais a vontade da maioria populacional deveria cair sobre os direitos e quereres individuais; se pode afirmar nesse contexto o patriotismo de Constant, andando de mãos dadas ao liberalismo, para uma França mais ativa e presente no cenário internacional.

O estudo da França pré-revolucionária, durante e após a revolução é necessário; é a partir desse contexto que podemos entender de uma melhor forma o porquê que os intelectuais da época pensaram daquela forma e maneira, de como foi importante a análise política da época, realizadas por eles, o que interferiu de forma direta e indireta em seus pensamentos. No caso de Constant e do “Clube de Salm”, a intelectualidade

³ (RODRÍGUEZ, 2008).

⁴ (LABOULAYE, 1872: vol. I, V. apud RODRÍGUEZ, 2008)

girava em torno do pensamento liberal, e na busca do fim das amarras do despotismo e do poder centrado nas mãos de uma classe oligárquica, e a busca e prática de um modelo político Monárquico e Constitucional.

Em seu livro *Princípios de Política*, Benjamin Constant escreve a respeito do funcionamento eficaz, a arquitetura propriamente dita do ideal de Monarquia e liberalismo individual, deixando o seu legado e filosofia doutrinária para o cenário atual francês bem como para a sua posteridade, como nos lembra (ROCHA, 2012):

O pensamento político de Benjamin Constant está estruturado a partir de três idéias fundamentais que são: a) crítica a democracia defendida por Rousseau, para quem os indivíduos deveriam alienar, sem reservas, todos os direitos à comunidade; b) defesa da inviolabilidade da propriedade privada; c) defesa da liberdade individual.⁵

Quando Benjamin Constant é contra aos ideais de Rousseau, ele está querendo dizer que é contra ao Contrato Social desse autor, pois Rousseau prega uma ideologia de massas, ou seja, a superioridade do conjunto (de uma classe) em detrimento da liberdade individual (pensamento que Constant defendia). O Contrato Social remete a uma colocação socialista, e a política socialista de acordo com Constant anula e impede a liberdade individual.

Em um de seus mais importantes discursos: *“Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos”*, Constant relata aos seus ouvintes no Athénée royal em Paris, o que vinha já propondo em sua carreira de legislador político, exemplificando o que ocorrera em estruturas de sistemas políticos antigos como em Atenas (estrutura de estado pequeno, apenas com fins de guerras contra outros povos para obtenção de subsistência e riqueza), onde a população não exercia e muito menos possuía a real liberdade; e compara a antiguidade com a modernidade presenciada por seus ouvintes na França, juntamente com os seus ideais libertários; onde nas nações modernas devido ao grande espaço geográfico delimitado, a população não usufruía de um debate político caloroso como na antiguidade para se situar por dentro desses assuntos, e que o façam. Um outro aspecto que Constant aponta nesse discurso, é a relevância do comércio, o qual se torna um grande aliado para o aprimoramento da liberdade (CONSTANT, 1985):

Finalmente o comércio inspira aos homens um forte amor pela independência individual. O comércio atende a suas necessidades, satisfaz seus desejos, sem a intervenção da autoridade. Esta intervenção é quase sempre, e não sei por que digo quase, esta intervenção é sempre incômoda. Todas as vezes que o poder coletivo quer intrometer-se nas especulações particulares, ele atrapalha os especuladores. Todas as vezes que os governos pretendem realizar negócios, eles o fazem menos bem e com menos vantagens do que nós.⁶

Outro pensador importante, que como Constant fez duras críticas à Revolução Francesa fora Edmund Burke.

4. O PENSAMENTO CONSERVADOR DE EDMUND BURKE.

Edmund Burke (1729-1797) político e filósofo irlandês, é considerado o pai e o fundador do conservadorismo moderno, assim como Benjamin Constant fora severamente contra os ideais da revolução Francesa e a sua influência sobre o continente europeu, o que poderia acometer as outras nações e suas monarquias. O Conservadorismo surge nesse quesito, de querer conservar o sistema político monárquico e não ocorrer com os monarcas europeus o que ocorrera a Luís XVI na França Revolucionária; para que outros “Jacobinos” políticos não tomem o poder, e de forma despótica usufruem do cargo alto de alguma nação, derrubando o governo então vigente para espalhar uma nova tirania em território nacional e internacional, contra todos os seus opositores, desregulando então a balança contra outros partidos e causas “Girondinas”.

O Conservadorismo em si, como em sua origem, é um sistema político que visa a liberdade de mercado sem o intervencionismo do estado, sistema que beneficiava a elite industrial e comercial de uma nação, ou seja, a alta burguesia (na França eles compunham o partido girondino, e militavam por seus ideais de forma ativa e também despótica durante a Convenção Nacional Francesa). Burke em vida presenciara muitas lutas em prol de

⁵ (ROCHA, 2012).

⁶ (CONSTANT, 1985).

liberdade além da francesa, uma delas foi a luta de independência americana em 1776 contra os ingleses, e dos católicos em seu próprio país; e paradoxalmente ele compunha a liderança de um partido em Londres totalmente progressista, e contra a monarquia, ou seja, de “esquerda” – o Whigs. Em relação a doutrina conservadora, (ABBAGNANO, 2007) diz:

[...] para um conservador, a sociedade e suas instituições são o resultado de um processo de crescimento cumulativo ao longo do tempo onde a ordem social vigente é mero produto dessa interação entre as instituições, os costumes, os hábitos, a Lei e as forças sociais impessoais que regem os períodos sociais.⁷

Para quem utiliza do conservadorismo como ideologia de vida ou política, está querendo dizer que ele conserva a tradição enraizada de sua: origem, ou de sua nação, história, cultura, família etc., evitando uma mudança radical e revolucionária no seu envolvimento, uma mudança abrupta de paradigmas; que desestabilizaria a ordem moral e sócio-política de um lugar ou nação. O conservador então estabelece um princípio próprio e, bem dizer moralista. Cada ser humano teria uma forma de agir, e junto com a sua família ou comunidade deveria continuar sua tradição, evitando assim o jugo de outro sistema moral a não ser o seu.

Originária na Inglaterra durante o século XVIII, o conservadorismo teve em Burke o seu precursor e principal idealizador. Na sua obra *Reflexões sobre a revolução em França*, Burke apresenta severas críticas sobre a revolução francesa, sobre os jacobinos e como eles foram déspotas em seu governo revolucionário. *Reflexões* é livro o qual se torna o ponto pé inicial do conservadorismo Burkeano, livro que possui ideais de quem sofreram perseguição e queda na revolução francesa, em específico a classe aristocrática. O movimento revolucionário francês foi uma forma da quebra de tradições francesas, usada para a tomada de poder rápida, uma mudança abrupta de apenas um pensamento, e os valores tradicionais já embasados na sociedade francesa pré-revolucionária aniquiladas.

O ideal revolucionário aos olhos de Burke é um fator de desejo irrealizável. Não tem como substituir uma cultura com valores já pré-estabelecidos e acomodados a toda população por algo inovador, totalmente contrário com o de costume. O governo jacobino tentara levar a revolução a todos (especificamente a classe menos desfavorecida) usurpando a “doutrina” existente pela sua; um exemplo seria a extinção da desigualdade social (o socialismo propriamente dito), forma de poder em que todos são iguais perante a nação ou estado. Burke é contra. Aos olhos do filósofo é impossível haver igualdade sócio-política. É o que ele escreve (BURKE, 2014 apud SOUZA, 2016):

[...] aqueles que tentam nivelar nunca igualam. Em todas as sociedades, consistindo em várias categorias de cidadãos, é preciso que alguma delas predomine. Os niveladores, portanto, somente alteram e pervertem a ordem natural das coisas, sobrecarregando o edifício social ao suspender o que a solidez da estrutura requer seja posto no chão.⁸

Há um modo natural das coisas, para a espécie humana, não tem como desestabilizá-la. Isso é a tradição nata o qual carregamos; não tem como mudar algo com o qual trazemos de forma instintiva, a exemplo do que Burke escreve, é necessário haver um comando, algo ou alguém que fique por cima, administrando o seu entorno, para que haja a verdadeira ordem natural do espaço tempo político e social; assim qualquer ordem exterior que mude esse paradigma é dada ao fracasso, ao engano; e logo em possíveis morticínios (a exemplo da revolução francesa) advindo de um possível despotismo à força de uma classe de ideal revolucionário sobre a outra.

Burke também defende a Monarquia Constitucional, bem como o liberalismo econômico como forma prática de poder, ideal o qual seu partido de linha ideológica – o whigs, apoiava. Burke fora contra a revolução francesa, mas um simpatizante da Revolução Gloriosa em 1688 ocorrida na Inglaterra. Na França a revolução ocorrera de forma abrupta e em violência; a da Inglaterra em forma de jogo de ideais em comum para a continuidade do poder e estabilização da nação inglesa, sem a interferência da população presente na base da pirâmide social. (SOUZA, 2016) nos remete essa ideia:

Com esse tom de denúncia e alarme, o conservador tenta convencer seus leitores de que uma revolução insurrecional como essa significa, por si mesma, desordem e destruição.

⁷ (ABBAGNANO, 2007. apud SCHULZ, 2015).

⁸ (BURKE, 2014 apud SOUZA, 2016).

Quanto aos revolucionários, não passariam de agitadores dogmáticos, desprovidos da clarividência da prudência e do respeito às tradições herdadas de um passado remoto.⁹

Para que haja ordem em uma nação, se têm a necessidade de preservar a tradição da mesma, e qualquer mudança abrupta ocorre em tragédia. Se a religião, cultura, os costumes familiares, e a ordem político-social tradicional desmorona; a sua queda possui impactos desastrosos para a comunidade em questão. Burke critica o iluminismo, que foi a ignição para a revolução francesa; os ideais que nela se nortearam foram para o desprendimento de uma “opressão” religiosa, político e moral vigente ainda sobre o absolutismo divino e resquícios da idade média, onde a Igreja detinha todo o poder. (QUADROS, 2015) nos mostra como o filósofo lidou com essa situação:

Para o pai do conservadorismo político moderno, doutrinadores que alardeiam o uso da razão como fonte de legitimação das suas propostas seriam, contraditoriamente, absorvidos por uma crença mística nas suas próprias (pseudo)verdades, tornando-se presunçosos e hostis à crítica. A fim de combater as construções axiológicas que sustentam o *status quo*, os filósofos revolucionários forjariam um sistema de princípios ainda mais arbitrário (além de artificial). O racionalismo transformar-se-ia em abstracionismo, em teologia secular. A alardeada lógica dos tratados científicos cederia lugar ao misticismo dos “*literary caballers*”. Ao conservador, portanto, impõe-se a postura de desconfiança/ceticismo.¹⁰

Burke se torna o pai do conservadorismo moderno no momento que ele rompe com o seu partido (Whigs), pois percebera que o mesmo busca o poder de forma radical; possui a consciência da mesma forma que Constant que a Monarquia Constitucional parlamentarista seria uma maneira eficaz de governo; sendo de família tradicionalmente cristã, entendia que os valores cristãos sobrepunha todo e qualquer ação de mudança revolucionária, pois a religião era intrinsecamente instituída como moral social; então escreve o livro *Reflexões sobre a Revolução em França (1789)*, pois existiam na Inglaterra pessoas e políticos simpatizantes à revolução francesa. Burke percebe o mal acontecido na França, e não queria que o mesmo acontecesse na Inglaterra. Seria necessário manter a ordem nacional, e através de seu livro alertar a população inglesa do que houve dos perigos e malefícios da revolução na França. Não existe a possibilidade de uma minoria revolucionária com seus ideais, mudar a concepção e valores de uma sociedade com reais valores históricos. (BURKE, 1982, p.51-52) assim descreve essa situação:

Sem dúvida, a confusão é ainda bastante pequena na Inglaterra, mas não vimos na França uma confusão inicialmente bem menor chegar em pouco tempo a uma força capaz de destruir montanhas e de lutar contra o próprio céu? Quando a casa de nosso vizinho pega fogo, é recomendável que tomemos precauções para proteger a nossa pois é melhor aumentar as discussões por excesso de precaução, que de deixar arruinar por excesso de confiança.¹¹

5. RUSSELL KIRK E OS DEZ PRINCÍPIOS CONSERVADORES

Russell Kirk (1918-1994) é considerado o pai do Conservadorismo Norte Americano, e um dos pensadores e intelectuais de maior influência do século XX. Possui uma relevante e profícua presença nos Estados Unidos também como jornalista, romancista e acadêmico. Em vida serviu ao exército durante a 2ª guerra mundial, porém de forma burocrática sem chegar ao front; e aproveitou para estudar autores conservadores, liberais e políticos clássicos, que pretendia após o serviço militar estudá-los mais a fundo. No período da guerra observou a grande desenvoltura estatal americana, bem como a sua burocratização, e uma economia voltada para o coletivismo social. Ao fim do conflito mundial, Kirk vai a Escócia e estuda ao doutorado em “tradição intelectual conservadora anglo-americana”, e sua tese originou a sua obra prima conservadora: *The Conservative Mind*.

O pensamento acadêmico e filosófico político Kirkiano gira em torno do Conservadorismo, ele busca em Burke as tradições permanentes culturais até então perdidas e esquecidas na América pelo avanço do

⁹ (SOUZA, 2016).

¹⁰ (QUADROS, 2015)

¹¹ (BURKE, 1982, p.51-52).

progressismo e liberalismo de esquerda. A sua conversão ao Catolicismo o ajuda a explicar o conservadorismo, pois como no pensamento Burkeano: “Nós sabemos e, o que é melhor, sentimos interiormente que a religião é a base da sociedade civil e a fonte de todo o bem e de toda a felicidade.” (BURKE, 1982, p.112). Neste quesito, a moral intrínseca religiosa é o que leva muito em conta, tanto para Burke, e também para Kirk.

Além de *The Conservative Mind*, foi editado outro livro com as palestras e conferências que ele fez na Heritage Foundation em Washington D.C., chamado a *Política da Prudência*. Kirk faleceu antes da publicação do livro, porém este se tornou uma obra célebre de influência e impacto para o pensamento conservador moderno nos Estados Unidos e demais países do globo terrestre, onde o Conservadorismo é estudado e alicerçado em seu modo de vida político-social. Os princípios conservadores Kirkiano gira em torno de um adjetivo, o qual norteia a sua obra: *prudência*. Russell Kirk demonstra que a moral conservadora precisa de mudanças ao longo do tempo, pois a mesma necessita andar lado a lado com as mudanças culturais da sociedade, porém sempre contra ao progressismo imediato e abrupto. Os erros do passado, especificamente o da Revolução Francesa, não deveriam voltar a acontecer.

Em *A Política da Prudência*, Russell Kirk nos apresenta *Dez princípios conservadores* onde devem ser resgatados, estudados e praticados. Em uma abordagem primária, o conservadorismo é descrito da seguinte forma, (KIRK, 2014, p. 103):

Não sendo nem uma religião nem uma ideologia, o conjunto de opiniões chamado de *conservadorismo* não possui Sagradas Escrituras, nem um *Das Kapital*, como fonte dos dogmas. Até onde é possível determinar o objeto das crenças conservadoras, os primeiros princípios do pensamento conservador derivam do que os mais ilustres escritores e homens públicos conservadores professaram ao longo dos últimos dois séculos. [...] Talvez fosse adequado, na maioria das vezes, utilizar a palavra “conservador” mormente como um adjetivo. Não existe um modelo conservador, e o conservadorismo é a negação da ideologia: é um estado de espírito, um tipo de caráter, um modo de ver a ordem civil e social.¹²

Através de sua definição de Conservadorismo, Kirk começa uma abordagem mais ampla, utilizando-se de dez princípios que regem os seus valores, para serem utilizados por cada um que assim quiser viver uma vida de tradição sociocultural, são eles:

1º “O conservador acredita que há uma ordem moral e duradora” (KIRK, 2014, p.105), neste primeiro princípio, há a clara evidência que o conservador é direcionado em questão para a figura da natureza moral humana, pois ela sempre irá permanecer, e a moralidade é algo natural, próprio do homem. Kirk menciona que se a sociedade se direcionar por essa ordem moral e duradora, ela será uma “sociedade boa” independente da ideologia política usado pela nação; porém se a população se voltar ao hedonismo, a sociedade será de acordo com Kirk – ruim.

2º “O conservador adere aos costumes, à convenção e à continuidade” (KIRK, 2014, p.105). Neste aspecto, Kirk se utiliza do pensamento Burkeano de adesão à tradição moral, e por meio desse princípio a sociedade conservadora entende que os seus próprios costumes devem ser mantidos, para que haja paz, união e respeito mútuo, e por assim dizer: a *continuidade*. Somente assim ela irá sobreviver. (KIRK, 2014) exemplifica:

A continuidade, o fluido vital de uma sociedade, não pode ser interrompida. A lembrança, feita por Burke, da necessidade de uma mudança prudente está sempre na mente dos conservadores; mas a necessária mudança, argumentam, deve ser gradual e judiciosa, nunca desenraizando antigos interesses de um só golpe.¹³

3º “Os conservadores acreditam no que se pode chamar de princípio da consagração pelo uso” (KIRK, 2014, p. 106). Neste aspecto, ele alerta que os conservadores não devem criar nenhuma “ideia nova”, mas utilizar as que já foram pré-estabelecidas pelos conservadores antigos, e assim usufruí-las, para que não ocorra nenhuma desordem sócio-política; então adverte quando uma pessoa quiser usar de uma possível posição influenciadora na sociedade para mudar algum paradigma já estipulado pelos nossos antecessores, que tenha cautela.

4º “Os conservadores são guiados pelo princípio da prudência” (KIRK, 2014, p. 107). Se em algum objeto, ou colocação for posto em debate público, Kirk orienta que o telespectador seja prudente, ou seja, um

¹² (KIRK, 2014, p. 103).

¹³ (KIRK, 2014, p. 106).

analista. Debater o que for proposto, analisar minuciosamente, para então depois tomar uma decisão definitiva, para que não ocorra em problemas maiores para a sociedade e o país. Nada de mudanças radicais.

5º “*Os conservadores prestam atenção ao princípio da variedade*” (KIRK, 2014, p. 107). Neste princípio, o conservador entende que existe variadas instituições de cunho político e social, Kirk entende que isso é normal e aplicável, pois o ser humano é diversificado por natureza, porém não se deve lutar por um espaço de nivelamento igualitário dentro da sociedade, porque fere o princípio de diversificação humana, e qualquer que seja a atitude para qual, a sociedade ficará imóvel.

6º “*Os conservadores são disciplinados pelo princípio de imperfectibilidade*” (KIRK, 2014, p. 108). Russell Kirk lembra aos seus leitores que a o caráter e a moral humana são falhas, neste caso uma sociedade perfeita é considerada utópica. Se alguma sociedade tentar nivelar as condições humanas sociais, com certeza haverá violência, pois, o conservador entende e compreende que a raça humana nunca foi ou será perfeita, e nem chegará a tal patamar. Dificuldade sempre vão rodear o homem, cabe a nós lidarmos com isso, e acima de tudo, Kirk lembra que qualquer pessoa que tentou nivelar a sociedade em perfeição, acabou dado ao fracasso, assim ele escreve (KIRK, 2014, p. 108):

Se as antigas defesas morais e institucionais de uma nação forem esquecidas, irrompe o impulso anárquico no homem: “a cerimônia da inocência é afogada”. Os ideólogos que prometiam a perfeição do homem e da sociedade converteram grande parte do mundo no século XX em um inferno terreno.¹⁴

7º “*Os conservadores estão convencidos de que a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas*”. (KIRK, 2014, p. 108). Neste ponto, o conservador entende que a propriedade privada é um direito inalienável, se por acaso o *Estado* nos tirar esse direito, a besta mitológica de Hobbes – o Leviatã, reina. Kirk mostra que se a propriedade privada foi pregada em todo o território de uma nação, a sua política nacional se tornará estável, aliada com uma economia forte e robusta, para que então o homem permaneça alicerçado, com bem-estar em seu território.

8º “*Os conservadores defendem comunidades voluntárias, da mesma forma que se opõe a um coletivismo involuntário*”. (KIRK, 2014, p.109). Neste oitavo princípio, Russel Kirk demonstra como a sociedade dos Estados Unidos é ligada à sua privacidade e ao individualismo, mas ao mesmo tempo possuem um afeto de comunidade, onde as decisões em conjunto são a nível comunitário e em espírito de liberdade, nada a força. Kirk demonstra que elas são saudáveis somente se há uma concordância entre eles, porém a nível local, nada mais do que esse espaço. A nação conservadora não se deixa levar por quererem de pequenas comunidades, para que não se tornem comum a todos.

9º “*O conservador vê a necessidade de limites prudentes sobre o poder e as paixões humanas*”. (KIRK, 2014, p. 110). Russel Kirk mostra o qual perigoso é o poder, podendo se tornar autoritário se um pequeno grupo ou pessoa assim o chegar, independente do seu viés ideológico. Kirk aponta a anarquia como um sistema que sucede outros tipos de opressões de classes sobre as outras, a exemplo oligarquia e da tirania, sistema esses de poder em que a minoria domina sobre a maioria; não se pode deixar que um pequeno grupo domine sobre outro e também sobre a maioria. O poder não tem que ser centralizado nas mãos de indivíduos, e o conservador cabe ao objetivo que o poder da política seja equilibrado.

10º “*O conservador razoável entende que a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa*” (KIRK, 2014, p. 111). O último princípio conservador de acordo com Russell Kirk demonstra que o conservador não é avesso em uma mudança na sociedade. O conservador entende que a sociedade está em constante mudança, tanto de aspecto social e político; sempre com novas propostas e inovações o qual não está habituado no seu dia-a-dia. Algumas sociedades progredem, e outras permanecem, e elas devem saber equilibrar ambas. (KIRK, 2014, p. 111-112) elucida este assunto da seguinte maneira:

O conservador sabe que qualquer sociedade saudável é afetada por duas forças, que Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) chamou de permanência e progressão. A permanência de uma sociedade é o conjunto daqueles interesses e convicções duradouros que nos dão estabilidade e continuidade; sem essa permanência, as fontes do grande abismo se rompem, jogando a sociedade na anarquia. A progressão em sociedade consiste naquele espírito e

¹⁴ (KIRK, 2014, p. 108).

conjunto de talentos que incitam a reforma e a melhora prudentes; sem tal progressão, o povo fica estagnado.¹⁵

O mundo está sempre em mudança e se renovando, Russell Kirk nos explica através desses *Dez princípios*, o que é necessário para que a pessoa, ou sociedade que se denomine conservador(a) tenha que atentar. São *princípios*. Apenas *Princípios*. Podem ser seguidos, praticados ou não. O que Kirk quer demonstrar aos seus leitores, é a base moral de uma sociedade, por meio de questões alicerçadas a centenas de anos, e que necessitam serem preservadas, praticadas e continuadas. O conservador é a pessoa, ou o grupo que buscam estabilidade e a aversão às mudanças radicais, a preservação e a continuidade dos seus costumes; não ocorrendo a perda de suas raízes, pois se isso acontecer, ela seria totalmente exterminada. A história está cheia de exemplos, toda mudança abrupta sempre ocorreu em tragédia e perda daquela sociedade; pois o que estava ali alicerçada com ela, no âmago de seu espírito, se esvai junto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar histórico sobre a revolução francesa, nos esclarece o porquê de grandes pensadores agiram de determinada forma. No caso de Benjamin Constant de Rebecque e Edmund Burke, utilizaram desse marco da história para analisar a sociedade como um todo. Observaram que uma mudança rápida da sociedade, uma revolução por assim dizer, produz autoritarismo e destruição. Viram que de nada adiantou uma revolução na sociedade francesa com o propósito de quebra e mudanças de paradigmas sociais, e assim na queda do poder da Monarquia Francesa, pois ela estava alicerçada na nação naquele contexto. Poderia ocorrer como a Revolução Gloriosa no qual Burke a enaltece, nessa revolução houve o comum acordo para a troca de poderes, sem o derramamento de sangue, ou destruição de toda a nação inglesa. Os escritos e ideais desses dois pensadores foram de suma importância para sua época, esclarecendo e educando a população para um pensamento crítico, não se deixando levar a todo “vento de revolução”, e assim questionando detalhadamente cada objeção e item de mudanças.

Russell Kirk ao utilizar do conservadorismo Burkeano em sua vida filosófica, aproveita e inicia o gancho para a sociedade Norte Americana do século XX. Kirk observa uma América na pós-segunda guerra totalmente voltada para o contexto social em detrimento do individual, com políticas econômicas utilizadas pelos seus governantes, que resultariam em uma desestabilização em larga escala, podendo beneficiar uns em detrimento de outros. Os *Dez Princípios* conservadores que Russell Kirk utiliza; se mostra um caminho para a população não apenas a norte americana, mas de qualquer nação contemporânea, a voltar as práticas dos seus antepassados, suas culturas, tradições e religião; valores esses esquecidos, ou hibernados voltem então a acordar. A sociedade e sua nação então conservaria a sua existência, não se deixando influenciar por nada a sua volta, e entendendo que mesmo que o mundo em sua volta esteja sempre em mudança, isso de nada significa. A árvore, balançando aos ventos, sendo acometido por eles; porém firme, forte e inabalável.

¹⁵ (KIRK, 2014, p. 111-112).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução em França**. Universidade de Brasília, 1982.

CONSTANT, Benjamin. **Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos**. Filosofia política, v. 2, p. 9-25, 1985.

FERNANDES, Cláudio. **Revolução Francesa**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/revolucao-francesa.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

KIRK, Russell. **A política da prudência**. São Paulo. É Realizações, 2014.

QUADROS, Marcos Paulo. O ceticismo em Edmund Burke e os pilares do conservadorismo moderno. *Intellèctus*, v. 14, n. 1, p. 168-187, 2015.

Quem foi Russell Kirk?. Disponível em: <<https://portalconservador.com/quem-foi-russell-kirk/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Revolução Francesa - História da Revolução Francesa. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/francesa/revolucao-francesa.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ROCHA, Cleidison de Jesus. **Princípios de política—o estado segundo Benjamin Constant**. 2012.

RODRÍGUEZ, R. V. **BENJAMIN CONSTANT DE REBECQUE E AS ORIGENS DO LIBERALISMO DOCTRINÁRIO**. Portal Defesa UFJF, Juiz de Fora, MG, 01 abr. 2008.

SCHULZ, Gerson Nei Lemos. **Um ícone do conservadorismo: o pensamento do filósofo e político britânico Edmund Burke**. Disponível em: <<http://filosofiadomarczero.blogspot.com.br/2015/01/um-genio-conservador-saiba-mais-sobre.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. Edmund Burke and the genesis of conservatism. *Serviço Social & Sociedade*, n. 126, p. 360-377, 2016.